



## Professoras migrantes em Mato Grosso

1

Prof<sup>ª</sup>. Me. Ivone Jesus Alexandre

### RESUMO

O presente artigo apresenta um recorte da pesquisa “construindo novas identidades culturais: educação e mulheres em Mato Grosso. Pretendo neste artigo discutir alguns dados coletados com os relatos das professoras. A técnica para coleta de dados foi a história de vida. Os dados aqui apresentados foram coletados na região de extremo norte de Mato Grosso nas cidades de Sinop, Alta Floresta, Colíder, Sorriso e Guarantã do Norte. Os dados revelam que a trajetórias de vida das professoras que chegam ao Mato Grosso envolvem diferentes experiências no que se refere a vida pessoal e profissional. O encontro de professoras de diferentes lugares do Mato Grosso geram relações de solidariedade, empoderamento e conflitos devido as especificidades de origem regionais dessas professoras.

Palavras –chaves: Professoras, migrantes, magistério

A pesquisa foi desenvolvida pela NEPRE (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação) da Universidade Federal de Mato Grosso, coordenado pela professora Dr Maria Lúcia Rodrigues Muller. O propósito do estudo foi conhecer as relações que mulheres professoras de diferentes origens socioeconômicas, geográficas e étnico-raciais estabelecem entre si na escola em que trabalham. Com este objetivo buscou-se recuperar as trajetórias de vida e experiências profissionais de professoras da região do norte do Mato Grosso.

As cidades campo de pesquisa foram: Sinop, Colíder, Sorriso, Guarantã do Norte e Alta Floresta. Essas cidades foram colonizadas na década de 70, no período da ditadura militar:

[...] as frentes pioneiras do Brasil se deslocaram do Sul em direção ao Centro-oeste e Amazônia mato-grossense, atraídas pela existência de ‘terras novas’ estimuladas pela propaganda oficial que incentivava a expansão de fronteiras [...] [onde] as populações aparecem criando táticas de apropriação do espaço social, recriando novas práticas, com novas formas de produção de suas vidas nestes ‘novos lugares’. (SOUZA, 2001, p. 13-14).

---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Universidade Estadual de Mato Grosso-UNEMAT- campus de Sinop MT. Atua na área de Metodologia de Ensino. Desenvolve pesquisas na área de relações raciais e educação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O Estado do Mato Grosso é conhecido pela diversidade populacional, seus municípios mais tradicionais tem uma população de migrantes paulistas, mineiros e indígenas.

O extremo norte de Mato Grosso possui várias cidades colonizadas na década de 70. Estas cidades são frutos da colonização privada, devido a isso, na *cruzada rumo ao oeste*, o governo preferiam os que vinham do sul.

Os migrantes carentes de recursos financeiros e que não atendiam a perfil de mercado imposto, ficaram fora dos projetos particulares, foram privilegiados os sulistas com maiores condições financeiras e mais dispostos ao trabalho.

As “novas terras” estavam destinadas aos que vinham do sul “o que fez com se formassem, no espaço que constituía, grupos sociais que guardavam grandes semelhanças culturais com aqueles dos quais se originaram” (ARRUDA apud SOUZA, 2004, p.35).

Os primeiros moradores destas cidades são em sua maioria do sul, descendentes de europeus. Foram pessoas que vieram do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e que há pouco mais de trinta anos deslocaram-se para as novas regiões do Paraná e posteriormente, muitos migraram para Rondônia e Mato Grosso.

Esses migrantes descendiam de italianos, espanhóis, predominando os alemães (LANDO, 2003). São pessoas que vieram em busca de terras para trabalhar, de melhores condições de vida e expectativa de um futuro melhor.

Na década de noventa começou a vir migrantes de diferentes regiões do país, devido a muita divulgação na imprensa de cidades prósperas, com oportunidades de emprego e até promessa de enriquecimento.

Neste contexto, muitas mulheres vieram para o Mato Grosso acompanhando sua família e outras vieram sozinhas, muitas delas já exerciam o magistério em sua terra de origem, elas também vieram em busca de melhores condições de vida.

Em Mato Grosso, vivenciou múltiplas de experiência, estabeleceram novas significações nesta terra conhecida como o novo eldorado, diferentes motivos moveram essas mulheres para este lugar.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **Os caminhos da pesquisa**

A metodologia utilizada foi a história de vida, esta técnica de coleta de dados permitiu compreender as diversas formas de trajetórias e as diferentes significações que as professoras estabelecem nesse espaço, Queiroz (In: VON SIMPSON, 1988, p.20).

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação à história do seu tempo, permitindo-nos encarar as intersecções da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções a que se deparam o indivíduo. 'História de vida' das escolas, das disciplinas e da profissão docente proporcionaria um contexto fundamental. (ANTONIO NÓVOA, 1995, p. 75):

A escolha das cidades teve como critério a densidade populacional, cidades de Mato Grosso com mais de 30 mil habitantes. Minha coleta de dados foi nas cidades de Sinop, Colíder, Guarantã do Norte, Alta Floresta e Sorriso, cidades que ficam a mais de 500 km da capital, ao norte de Mato Grosso. As professoras serão identificadas por nomes fictícios.

Foram vinte e cinco professoras pesquisadas, sendo cinco por cidade, essas professoras vieram para Mato Grosso entre nos anos 70 a 90. As professoras foram contactadas de diferentes formas, por telefone, indicação de colegas e até mesmo através de recadinhos em páginas do Orkut.

## **A vida das professoras em Mato Grosso**

A maioria das professoras entrevistadas é de família de origem sócio-econômica de baixa renda, vieram para Mato Grosso para ter melhores condições de vida, trabalho digno e condições econômicas estáveis.

Para as professoras pesquisadas, a profissão docente não estava em seus planos quando vieram para cá, ser professora não constituiu um projeto de vida. Veja a fala



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

dessas professoras em relação as condições materiais e grau de estudo ao chegar no estado.

*[...]aí que eu comecei a dar aula para os adultos, todos analfabetos, eram todos maranhense, que vieram lá do Maranhão de avião, em media sessenta, cada seis meses seu tomas lá mandava buscar. E ai ele queria escrever pra suas famílias, e eles não tinham esse conhecimentos das letras ai então eu comecei a trabalhar com eles, dando aulas pra ele. Eles me pagavam em media três gramas de ouro, porque a moeda corrente lá era o ouro, mas era o máximo das sete até as nove. Porque o serviço de garimpo era muito pesado né. Ai eu acabei alfabetizando bastante dele, assim alguns, já tinham conhecimento das letras já liam, mas eles tinham muita dificuldade na matemática. E como eu não gostava muito de matemática, mas eu tinha muito facilidade, acho que na verdade, minha aversão era a dificuldade, era mais a aversão por gostar mais de ler (risos). Ler escrever. Na verdade tinha alguns que gostavam mais de matemática, então eu tive que dar conta, e eu dava aula ainda pra várias série, tinha aluno que eu agora, no ponto de vista que eu estou na minha especialização, eles estavam em média, da alfabetização a pré - alfabetização a sétima serie, tem aluno lá meu que já tinha o conhecimento de expressões, raízes, essa coisa toda e eu já trabalhava com eles. Porque ia aqui de Alta Floresta, livros, restos que eles não usavam mais eles mandavam pra nós, e esses livros eu aproveitava lá com eles, eles compravam os matérias e nós né, e nos usamos tudo muito bruto, rústico mesmo. O quadro era uma tábua bem grande que eles pintaram, e aí nos escrevíamos nela, levamos giz daqui quando eu vinha , porque nós tínhamos avião toda semana, isso a gente não podia reclamar né? (professora Maria moradora de Alta Floresta).*

As professoras relatam que o ingresso na carreira ocorreu devido as circunstâncias da região em processo de colonização, muita falta de recursos humanos, faltava professores e havia muitas crianças que precisavam estudar.

O perfil geográfico da região faz com que essas mulheres, professoras “tenham uma visão mais ampla e uma visão dos obstáculos como desafios a serem superados”. As professoras migrantes não tinham medo de se lançarem rumo ao desconhecido, de enfrentarem o que é novo, estavam abertas as mudanças e não se contentavam com a mesmice do dia a dia (LANDO, 2001, p.39).

Após entrar em sala de aula, no intuito de atender a demanda local, as professoras passam a se identificar com o magistério, o que antes era para suprir uma necessidade passa a ser o sentido de sua vida, a profissão de professoras. Assim acontece uma busca incessante pela graduação e aperfeiçoamento.

As professoras sem formação adequada, geralmente apenas com o ensino fundamental de 5ª a 8ª série, foram recrutadas para dar aulas “havia um número reduzido de professores com magistério, abriu-se oportunidade para as que tivessem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

somente o primário iniciar sua vida profissional e completar sua formação em serviço”.  
(LANDO, 2007, p.98)

*(...) eu terminei o 2º grau, aí no outro ano eu comecei a lecionar porque na época lá era difícil ter professor que já tinha 2º grau, que tinha magistério né, no mesmo ano teve vestibular, pela UFMT que era o NEAD. (...) terminei pedagogia, terminei em 99. (...) em janeiro eu já fui pra Minas Gerais fazer pós graduação, só que nesse intervalo eu já estava trabalhando com letras, ginásio do 2º grau. Aí eu fiz o fisco também nesse intervalo, aí eu também trabalhava na área de inglês, (...) eu fui pra Minas, a primeira pós que eu fiz foi de letras: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. (...). Mas aí ficou vago assim (...), tive de ter psicopedagogia pra fazer a complementação em Pedagogia né, eu retornei a Minas Gerais e fiz psicopedagogia. (...) eu mudei pra Nova Mutum comecei a trabalhar, (...). Aí no final do ano já teve vestibular pra letras, (...) terminei a faculdade de letras.(...) (Professora Antonia moradora em Sorriso).*

As professoras entendem que os estudos garantem melhores condições de vida. A vinda para Mato Grosso ocorreu como decisão de buscar o progresso na vida pessoal e ou para acompanhar a família.

*Eu vim pra Mato Grosso depois de um ano que eu casei, meu marido veio trabalhar no garimpo a convite do meu cunhado ne, na época de ouro daqui. Aí eu vim com uma criança de um ano e oito meses, completou dois anos em Guarantã do norte. E daí ele trabalhava no garimpo ne, meu ex marido e daí eu comecei a trabalhar como secretaria na cooperativa em oitenta e cinco oitenta e cinco. Quando eu fiz o magistério, porque na época, na cidade que eu morava Mundo Novo só tinha o magistério e o Técnico Administrativo, então era oferecido magistério foi por isso que eu fiz, era a opção que tinha no momento, no magistério (professora Carmem de Guarantã do Norte)*

As professoras que não vinham com suas famílias passavam por dificuldades financeiras, pois naquela época atrasava os salários, as professoras contratadas demoravam cerca de três meses ou mais para receberem o primeiro salário. Mesmo diante das dificuldades as professoras permaneceram, constituíram seu núcleo familiar, casaram e tiveram seus filhos.

### **A cultura como elemento agregador e de estranhamento**

As professoras relataram que ao chegar aqui em Mato grosso, tiveram muitas dificuldades em relação a adaptação, as questões econômicas, porque os salários das professoras contratadas atrasavam muito, quase dois meses.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As dificuldades geográficas, a distância da família fazia com que as professoras voltassem para os seus costumes regionais de uma forma que nunca fizeram antes em sua terra de origem. Os aspectos culturais faz com que se sintam perto dos entes queridos que estão distantes.

Neste contexto, o conceito de cultura é compreendido como conjunto de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano, tudo que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre das imposições originadas fora da cultura. (LARAIA apud BONI, 2006, p.13).

Essas professoras de diferentes regiões apresentam culturas distintas, isso pode provocar relações sociais e culturais totalmente novas em espaços de colonização recente.

(...) a cultura de um grupo étnico não se perde com os movimentos migratórios, mas adquire uma nova função porque nela tendem a se acentuar e visibilizar um número restrito de traços culturais que irão garantir a distinção do grupo na sua relação com outros grupos, na sociedade que são inseridos. (CUNHA apud MEYER, 2005, p.75).

O encontro dessas professoras com as pessoas que aqui moravam foi de estranhamento em relação a fala, a comida e os costumes de diferentes regiões. Esses marcadores identitários, reconhecidos pela gastronomia, religião, língua, etc., faz com que os indivíduos se identifiquem pela ou na cultura (COSTA, 2004).

*Quando eu cheguei aqui um ano, eu ligava pra minha mãe e falava. (...):*

*- mãe eu vou enlouquecer, porque eu chegava do serviço cinco horas da tarde, eu entrava e trancava, porque foi tão difícil minha adaptação, que eu não queria nem ouvir a fala das pessoas, (...), porque quando eu vim trabalhar na APAE. Eu trabalhava com médico, com fisioterapeuta, e trabalhava com pessoas da cozinha que o grau de escolaridade era bem baixa, então as pessoas da cozinha, da limpeza, eles criticava meu modo de falar, porque eu sou nordestina, então criticavam, que aqui é muito grande o preconceito contra nordestinos. Mas é uma coisa tão absurda, que eu falei pra minha filha, que eles acham que nordeste é no Maranhão (risos). Eles acham que todo nordestino se resume em Maranhão. (professora Marta de Alta Floresta)*

Esse estranhamento pode ser denominado de choque intercultural, que ocorrem por diferentes valores, diferentes lógicas e significados que se cruzam, padrões culturais distintos. (PACHECO, 1994).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*As comidas então nossa senhora! Era diferente demais, eu não gostei, pra mim não era boa. Teve uma vez que eu passei por uma experiência que eu fui final de ano na casa de uns maranhense. O costume dele lá era por diferente do meu, a mulher lá fez um baião de dois em pleno primeiro ano de Natal, pra mim aquilo lá foi o cumulo. Baiano de dois é um arroz, feito com feijão de corda, parece que eles falam. Um feijãozinho de corda, e uma coisa assim muito sem graça, porque aquilo pra mim era comida do dia a dia. Dia de festa pra nos era churrasco, cerveja, maionese, salada, aquilo pra mim foi. Nossa! Eu fiquei muito chocada aquele dia, que eu fui nessa, porque era companheiro do meu marido de garimpo, que a gente foi passar final de ano com esse colega dele, pra mim foi assim.. diferente, a mulher me deixou na sala e foi lá lavar roupa e eu fiquei lá que nem uma boba (risos). (professora Josefa de Garantã do Norte).*

É possível perceber também que nessas relações estão sendo construídas novas identidades culturais, que podemos denominar de “identidades de projeto” (CASTELLS, 2006, p.24), isto ocorre “quando os atores sociais utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade (...)”.

As professoras em suas relações pessoais, profissionais e sociais sentem a necessidade de buscar nos costumes tradicionais do grupo a qual pertencem aspectos que reportam a sua vida anterior ou estado de origem.

*(...) aqui em Sinop depois de meio, ano nos conhecemos o CTG, fomos convidados a participar do CTG e hoje nossa família e atuante tanto aqui em Sinop, como a família de meu esposo em Lucas como s bem atuante no CTG, ate pra cultivar que os filhos da gente crescer nessa tradição né, e muito importante. (...) então ela (se referindo a filha) não fez CTG no sul, ela fez aqui, daí aqui ela não falta, o meu filho que não gostava muito, e eu até pedia pra ele entrar no grupo de dança e ele dizia que ele não ia, que não era isso que ele queria, agora faz duas semanas que ele se convenceu e ta fazendo parte do grupo de dança do CTG (...). (professora Fátima moradora em Sinop)*

Pesquisas (SCHUSSLER, 2002; LANDO, 2003) realizadas com professores nessa região, mostram que apesar da ideologia de colonização, as relações pessoais e profissionais entre professoras de diferentes procedências resultaram, muitas vezes, processos de solidariedade e de democratização das práticas educativas, um ambiente de maior tolerância e de aceitação do diferente.

No que se refere as relações entre as professoras percebe-se que elas não são tão solidárias quando as diferenças raciais, fato que não foge a realidade brasileira, mas não é fator determinante no decorrer das relações, nem todos apresentam esse tipo de atitude, e também há situações descritas pelas professoras, que após algum tempo de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

convivência esse preconceito inicial tende a ser amenizado e pode ocorrer relações amistosas.

*Aqui em Sorriso foi. O povo tem assim...sabe? Eles te olham assim, principalmente por eu ser negra né, e aqui em Sorriso a maior parte são do sul né? E é claro, eu lembro perfeitamente que o primeiro, quando eu fui assumir o concurso, professor que estava com as aulas ele ficou indignado (ênfase), e eu percebi que não era porque eu tinha passado num concurso, mas era porque era uma negra que ia ficar nas aulas dele sabe? (professora Angela moradora em Sorriso)*

## Considerações

O estudo buscou compreender como ocorre o encontro entre as professoras de diferentes procedências em Mato Grosso. Optou-se por utilizar o termo mulheres porque aqui no estado elas são maioria no magistério.

A relações entre essas professoras mostram diferentes percepções e condutas em relação ao outro, também diferentes percepções culturais em relação a alteridade. São mulheres, a maioria eram professoras quando vieram para Mato Grosso para acompanhar a família ou mesmo sozinhas em busca de oportunidades de emprego.

Aqui novos encontros, relações e o entrelaçamentos de culturas, de estramento mas também de tolerância. O estramento muitas vezes deu lugar para a solidariedade, nesta terra de muitas dificuldades.

Em relação ao outro, a busca da superação das diferenças, na forma de existir e de ser do outro, no dia a dia, a tentativa de superar e relativizar as diferenças na língua, na gastronomia e nos costumes.

Diferentes formas de superar as diferenças, nem sempre de sucesso, que fez e faz a existência dessas professoras, na relação com o outro ser de desafio, de superação, pois vivem em Mato Grosso, aqui fincaram raízes, aqui muitas formaram suas famílias.

A diversidade populacional e conseqüentemente cultural da região, com pessoas vindas de os estados do Brasil, constitui um desafio para a sociedade e escolas. Saber



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

lidar com a diferença, em se tratando de pessoas vindas de diferentes regiões, sem achar que um é inferior ao outro, que nenhum é outsider ou estabelecido (NORBERT e SCOTSON, 2000).

### Referencias Bibliográficas

ALVES, Maria T.Gonzaga. SOARES, José Francisco. *Raça e Desempenho Escolar as evidências do Sistema de Avaliação da Educação Básica*. Trabalho submetido ao XXVI-Encontro Anual as ANPOCS, Caxambú, 2002.

BONI, Márcia Regina. *Histórias e trajetórias de vida de professoras migrantes no município de Sorriso*. / Márcia Regina Boni – Cuiabá (MT): A Autora, 2010.

CANDAU, Vera Maria (org.). *Somos tod@s iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CASTELLS. Manuel. *O poder da identidade*; tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006, 5ed.

COSTA, Francisco Lima. *Fronteiras das Identidades: O caso dos macaenses em Portugal e em Macau*. In *Sociologia: Problemas e Práticas*. No46, 2004, mpp.133-160.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders-Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MULLER, Lúcia Rodrigues; OLIVEIRA, Iolanda; TEIXEIRA, Moema. *A cor no magistério*. <http://www.anped.org.br/24/t1462222892164>. Acessado em 19/07/2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

OLIVEIRA, Iolanda. *Relações Raciais e Educação: Temas Contemporâneos*. Niterói: EdUFF, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1991.

SCHUSSLER, Dolores. *Migrantes camponesas e professoras primárias: trajetórias de vida entre o espaço privado e o espaço público*. (Dissertação) Mestrado, Educação, UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso. 2002.